

## **A BUSCA PELA RE-EXISTÊNCIA FEMININA EM *EL ÁRBOL* E EM *LA AMORTAJADA* DE MARÍA LUÍSA BOMBAL: um protesto feminista**

Danúbia Ferreira Alves

Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Flávia Andrea Rodrigues Benfatti  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

**Resumo:** Este artigo reflete a partir da análise do conto *El árbol* e do romance *La amortajada* da escritora chilena María Luísa Bombal sobre o modo como a mulher de algumas décadas atrás diante de imposições e protocolos sociais estabelecidos tem a sua subjetividade e seus corpos roubados de si mesmas, sendo privadas do direito a pensar, a sentir e do direito ao prazer. O incômodo que sentem diante desse apagamento enquanto sujeitos as conduz a uma busca desesperada por existir de outro modo que não seja pela visão do homem. Essa tomada de consciência e os movimentos de libertação após suas reflexões podem significar um ato feminista, mesmo que não consciente por parte das personagens. Ao mesmo tempo dá indícios de uma postura feminista decolonial da própria escritora.

**Palavras-chave:** literatura latino-americana, feminismo decolonial, escrita feminina

María Luísa Bombal escritora chilena nascida em 1910 em Viña del Mar, embora tenha escrito algumas de suas obras alguns anos antes da consolidação do feminismo na América Latina contribuiu muito para as reflexões sobre a mulher latino-americana e sobre o modo como a sociedade as tratava, como utilizavam de seu corpo e sua subjetividade a favor de uma lógica machista e patriarcal. Seus contos são conhecidos por retratar mulheres que são subjugadas pelos homens a sua volta, perdendo-se de si mesmas, esse apagamento provoca nas personagens grande mal estar e desconforto, o que faz com que iniciem um movimento de busca pela re-existência, buscando seu lugar em meio a uma farsa, da qual são obrigadas a participar.

As personagens femininas de Bombal normalmente saem de um estado inicial de letargia que as acometia e começam a refletir sobre algumas questões, como por exemplo, a forma como são tratadas por seus pais ou companheiros. Refletindo sobre a sua condição de mulher naquele contexto do qual fazem parte, normalmente vão ressignificando a sua própria existência. A escritora além de transparecer em seus textos ficcionais essa busca da mulher, nos conduz a rever toda a complicação envolvida em torno dos nossos direitos e também sobre o modo como éramos e ainda somos relegadas ao papel de coadjuvantes dos homens à nossa volta. Pode-se dizer que Maria Luisa Bombal adotou uma postura feminista tanto dentro de

suas obras como fora delas. Uma postura feminista muito significativa pensando-se na perspectiva decolonial do feminismo conceituada por María Lugones em *Rumo a um feminismo descolonial* (2014). A escritora chilena tanto em suas vivências enquanto sujeito como na tessitura de suas narrativas rompe com as estruturas pré-estabelecidas pelo machismo. Isso fica evidente em suas narrativas *La amortajada* (1941) e no conto *El árbol* (1996), ao dar voz a protagonistas mulheres que mesmo convivendo com várias figuras masculinas opressoras dentro de seus lares, começam a se enxergar, na tentativa de se verem desde uma nova perspectiva.

Em *El árbol* Bombal constrói uma magnífica metáfora, comparando a personagem feminina a uma árvore frondosa, bonita e com raízes fincadas de uma forma quase impossível de ser arrancadas. Essa árvore deveria portanto permanecer no mesmo lugar por toda a vida, fizesse chuva ou sol ela permanecia no mesmo lugar. Essa analogia pode nos fazer pensar como a mulher se sentia aprisionada, presa e sufocada pelos padrões sociais impostos e pela figura machista, racional e fria do homem/marido.

Brígida a personagem principal do conto representa uma tentativa de escapar de todos os preconceitos e julgamentos direcionados às mulheres do passado. Ela por não desejar a educação formal que as mulheres da classe nobre recebiam é taxada de ignorante, tonta e burra. Todos a sua volta a julgavam como inadequada, o próprio pai tratava a filha com desdém, havendo notado desde muito cedo que ela não “servia” para os estudos de piano e outras artes:

Ella había abandonado los estudios al año de iniciarlos. La razón de su inconsecuencia era tan sencilla como vergonzosa: jamás había conseguido aprender la llave de Fa, jamás. "No comprendo, no me alcanza la memoria más que para la llave de Sol". ¡La indignación de su padre! "¡A cualquiera le doy esta carga de un infeliz viudo con varias hijas que educar! ¡Pobre Carmen! Seguramente habría sufrido por Brígida. Es retardada esta criatura". (p. 205)

Taxada de retardada pelo próprio pai Brígida torna-se a filha perdida, cuja única solução para o seu problema seria um casamento vantajoso para a família. Aos 17 anos, portanto, ela se casa com um dos velhos amigos de seu pai. Sem compreender muito bem as razões para esse casamento, ela somente atende ao que lhe foi imposto, sem nem ao menos se questionar sobre o que era amor. É a partir dessa relação conjugal e seus desdobramentos que a escritora consegue construir a subjetividade feminina de Brígida, representando as suas dúvidas, os sentimentos da personagem, bem como o modo que se dá posteriormente sua tomada de

consciência sobre como era a sua vida de mulher casada: “Y de noche ¡qué cansado se acostaba siempre! Nunca la escuchaba del todo. Le sonreía, eso sí, le sonreía con una sonrisa que ella sabía maquinal. La colmaba de caricias de las que él estaba ausente. ¿Por qué se había casado con ella?” (p.209).

Brígida assim como María Luisa Bombal fala de seu lugar como mulher subalterna. Subalterna perante a um homem mas também diante de toda a sociedade da época. A escritora nos brinda com esse olhar crítico e feminista que para María Lugones seria primordial para nós mulheres latino-americanas. O feminismo decolonial ao qual me refiro convoca as mulheres para esse lugar da produção decolonial, de retomada do direito a uma re-existência por meio não mais do olhar do “outro” mas sim por sua própria forma de se ver. As mulheres, de acordo com a reflexão de Lugones (2014) deveriam ser duplamente decoloniais, refutando a ideia decolonial sobre o gênero feminino e recusando a opressão do dominador sobre elas: “o feminismo não fornece apenas uma narrativa da opressão de mulheres. Vai além da opressão ao fornecer materiais que permitem às mulheres compreender sua situação sem sucumbir a ela” (p. 940).

Brígida se desperta para a situação de opressão de gênero e passa a observar o modo indiferente como é tratada dentro de casa pelo esposo. Ela não é realmente enxergada por ele, sua invisibilidade começa a incomodá-la, e embora reivindicasse esse olhar algumas vezes seu pedido era desconsiderado, sentia-se como um objeto da casa, não como uma mulher amada e respeitada de verdade. É a partir desse sentimento que inicia-se o processo de reflexão sobre sua condição de mulher e será isso que finalmente a conduzirá a se libertar das amarras sociais e de um casamento infeliz.

— No tienes corazón, no tienes corazón —solía decirle a Luis. Latía tan adentro el corazón de su marido que no pudo oírlo sino rara vez y de modo inesperado—. Nunca estás conmigo cuando estás a mi lado — protestaba en la alcoba, cuando antes de dormirse él abría ritualmente los periódicos de la tarde—. ¿Por qué te has casado conmigo? (p.210)

O casamento durante muitos anos significou uma prisão para muitas mulheres, estavam entregues às vontades do marido, não podiam falar de seus próprios desejos, seus corpos serviam apenas para “uso” quando fosse da vontade do homem, mas nunca tinham atendidos seus pedidos ou anseios na cama. Brígida sente desejos mas é impedida de realizá-los e apenas esperam que ela se resigne. Mas Bombal constrói essa personagem com uma inquietação que a faz seguir observando e questionando o porquê de tudo aquilo.

Textos literários como esse, além de serem produzidos a partir do lugar de fala do oprimido, de um país colonizado, também vão contra a opressão do homem, rico e privilegiado sobre mulheres como Brígida e tantas outras. Bombal escreve desde o seu lugar de latino-americana retratando a resistência dessas mulheres que como Brígida não podem entregar-se completamente à lógica patriarcal e machista vigente.

A grande árvore que fascinava a personagem do conto parecia ser a única coisa que a mantinha ainda naquela casa fria e sem cor, Brígida estabeleceu com ela quase uma relação de cumplicidade, quase que de dependência, pois a árvore talvez ajudasse a encobrir algo muito íntimo. As mudanças de estação e na árvore também representavam mudanças de ânimo e de humor na personagem:

Y vino el otoño. Las hojas secas revoloteaban un instante antes de rodar sobre el césped del estrecho jardín, sobre la acera de la calle en pendiente. Las hojas se desprendían y caían... La cima del gomero permanecía verde, pero por debajo el árbol enrojecía, se ensombrecía como el forro gastado de unauntuosa capa de baile. Y el cuarto parecía ahora sumido en una copa de oro triste (p.212).

Quando arrancam a árvore de seu lugar, arrancado também todas as suas grandes raízes e revelando o que encobria de mais íntimo no corpo e na mente de Brígida, a personagem sente-se nua, talvez sem ter mais a necessidade de fingir e se esconder, a personagem realiza então o movimento de romper finalmente as amarras que a prendiam, abandonando a casa em que vivia. Ela sai sem nem ao menos saber o que fazer ou onde ir, mas decidida a viver de seu modo. Aquelas raízes não mantinham somente a árvore de pé no mesmo lugar, mantinham também os segredos e confissões daquela mulher que havia estado presa à uma vida que não era sua: “Le habían quitado su intimidad, su secreto; se encontraba desnuda en medio de la calle, desnuda” (p. 215)

Dar voz às mulheres silenciadas e apagadas ao longo da história parece realmente ser para María Lugones uma missão a ser cumprida por mulheres colonizadas, um ato de manifesto e de potência. María Luísa Bombal no conto acima citado e em *La amortajada* parece levar a sério esse compromisso. *La amortajada* que em português pode ser traduzido como aquela que usa uma mortalha (bastante emblemático ao se pensar a morte da mulher), foi publicada pela primeira vez em 1938, um momento em que as mulheres começaram a lutar por seus direitos e a questionar a tradição que lhes colocava em determinadas funções e papéis. Além disso, o Chile passava por uma ditadura e graves questões relacionadas à liberdade individual.

No romance *Ana María* é a protagonista da história, ela encontra-se já no início da narrativa em seu próprio funeral, observando todos os presentes mas principalmente as pessoas que marcaram a sua própria vida. A partir desse momento ela começa a refletir sobre como foi a sua jornada por meio de lembranças. São essas recordações que vão mostrando para a personagem e para nós leitores também, o quanto a sua vida havia sido infeliz vivendo em meio a uma sociedade opressiva, conservadora e cheia de hipocrisia. Poucos foram os momentos de plenitude e regozijo.

Ana María embora cerceada por todos a sua volta não ignora completamente seus desejos e sua libido, o que permite que ela se entregue a uma ardente paixão que a faz conhecer o prazer que não foi encontrado nas relações sexuais com o marido. É com o amante que ela descobre o prazer: “Guiada por un singular deseo acerqué a tu brazo la extremidad de mis dedos siempre helados. Tú dejaste súbitamente de beber, y asiendo mis dos manos, me obligaste a aplastarlas contra tu pecho. Tu carne quemaba” (p.15). Bombal realiza algo inédito para a sua época ao representar nessa obra o erotismo desde a ótica da mulher e não do homem, contribuindo para que atualmente a vejam como uma possível precursora do feminismo latino-americano na literatura.

Sentir e repensar-se fora dos padrões coloniais construídos e reforçados até então, não constitui tarefa fácil, já que cristalizaram-se inclusive em nossa própria mentalidade, mas deveria ser um requisito básico para a nossa emancipação: “a tarefa da feminista descolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apagá-la. Ao vê-la, ela vê o mundo renovado e então exige de si mesma largar seu encantamento como “mulher” (LUGONES, p.948). Ana María e Brígida iniciam esse processo de se repensar fora da caixinha do patriarcado e caminham em direção a descoberta de quem realmente são e há toda uma beleza nesse processo, passam a compreender como o domínio do mundo pelos homens desfavorece e prejudica a todas nós.

Em *La amortajada* Ana María viveu em meio a um mundo repleto de homens grosseiros e ásperos, ela sentia na pele como era ser ignorada, humilhada e maltratada. Além disso, a ela era relegadas várias tarefas domésticas entre outras atividades. Ao contrário de Brígida que embora oprimida pelo esposo, contava com as mordomias da classe nobre, Ana María é obrigada a desempenhar muitos trabalhos duros: “A nosotras ya la servidumbre que el acontecimiento liberaba de las tareas habituales-se nos antojaba a cada rato oír llegar un coche, el trote de muchos caballos” (p.14). A vida no campo era ainda mais dura para as mulheres, que tinham que portar-se servilmente, aceitando todas as tarefas impostas.

María Luísa Bombal seguramente abriu caminho para muitas escritoras e atualmente notamos um engajamento maior delas que não só estão levando suas experiências e vivências para as páginas dos livros, como também estão refletindo sobre o que ali está posto, questionando criticamente os preconceitos, atos de violência e desumanidade impostos às mulheres. A produção literária consiste em uma das principais formas de manifesto contra a opressão e o domínio nefasto dos homens. Mulheres de países colonizados como nós latino-americanas são duplamente colonizadas, portanto, a urgência e a necessidade desse contramovimento é imprescindível.

Assim como Lugones, Aníbal Quijano embora não trate da questão feminista, reafirma a importância de produzir a partir desse lugar do subalterno. Um lugar de margem que pode propiciar o encontro desses indivíduos latino-americanos com a sua própria identidade e essência. Em *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina* (2005) o estudioso também clama pelo desenvolvimento de uma subjetividade própria para esses países, já que de acordo com ele a Europa se apossou e controlou durante muito tempo inclusive esse aspecto desses países. Produzir conhecimento próprio, arte e literatura como forma de protesto e rechazo à opressão e domínio eurocêntrico é uma forma de postura ativa, tão importante de acordo com esses pensadores decoloniais. É o que realiza Bombal, de modo consciente e crítico, tratando das feridas abertas de uma sociedade hipócrita e opressivamente machista.

Como dito anteriormente, várias escritoras e pensadoras estão realizando esse giro decolonial pelo mundo. Bombal fala de seu lugar de mulher latino-americana, branca e subalterna, enquanto outras mulheres que ocupam outros lugares também estão se manifestando por meio do fazer literário e artístico. É o que se pode observar em *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico* (2019), mulheres negras, de países colonizados e oprimidos também têm encontrado em sua arte uma forma de se rebelar contra toda essa lógica dominadora. O corpo e a subjetividade da mulher negra são ainda mais massacrados e explorados.

Calar-se diante de todos esses absurdos cometidos contra as mulheres ao longo da história é inaceitável para María Lugones e para muitas estudiosas que assim como ela desejam por parte de nós uma postura reacionária capaz de contribuir para a conscientização em torno de nosso direito sobre o nosso próprio corpo e nossa subjetividade.

## REFERÊNCIAS:

BERNARDINO-COSTA, Joaze; TORRES-MALDONADO; Nelson, GROSGOUEL, Ramón (organizadores). Introdução. In: *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BOMBAL, María Luísa. *La amortajada*, Santiago: Nascimento. 2 ed.1941.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução Rizoma. In: \_\_\_\_\_. *Mil Plátos: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Neto. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GUERRA-CUNNINGHAM, Lucía. BOMBAL, Maria Luísa. Obras completas. 2.ed. Santiago: Andrés Bello, 1997.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. In: \_\_\_\_\_. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 22. Florianópolis, setembro-dezembro/2014, p.935 952.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: \_\_\_\_\_. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.117-142.

SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. In: \_\_\_\_\_. *Novos Estudos CEBRAP*, vol.3, ed. 79. Novembro, 2007, p.71-94.